

A China vai se curvar?

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 01.08.05

Há alguns dias, a China decidiu mudar a vinculação do yuan ao dólar para uma cesta de moedas, ao mesmo tempo em que valorizou sua divisa em 2,1%. Teriam essas decisões sido resultado das pressões americanas para que deprecie o yuan ou simplesmente atendem aos interesses nacionais da China? Esse é um passo na direção da livre flutuação da moeda chinesa ou os chineses manterão seu firme controle sobre sua taxa de câmbio? Se o mantiverem, estarão agindo de acordo com a boa teoria econômica ou agindo de forma irresponsável e incompetente?

Paul Krugman, que em certos momentos consegue desvencilhar-se da carga ideológica e de defesa dos interesses americanos que caracteriza a ortodoxia econômica, neste caso rendeu-se a eles e deu resposta muito clara (**Folha**, 23/7). A política que a China e os demais países asiáticos vêm praticando de defender sua taxa de câmbio e realizar superávits em conta corrente com os países ricos é "estranha", porque foge à lógica da teoria econômica que nos diz que "o capital em geral flui das economias desenvolvidas para as menos desenvolvidas".

Outros analistas internacionais repetiram a mesma história, lamentaram que a apreciação do yuan tenha sido tão pequena e voltaram a prever crise iminente para a China, como vêm fazendo há 25 anos, desde que o país passou a alcançar taxas de crescimento próximas de 10% ao ano. Quando o governo chinês deixou claro que não tinha nenhuma intenção de deixar flutuar o yuan e que não se deveria esperar maiores altas de sua moeda, as críticas e a decepção se avolumaram.

Diante das críticas, uma primeira questão é saber qual a autoridade delas diante do extraordinário crescimento da China. Sua estratégia nacional de desenvolvimento tem como um dos seus pontos centrais manter a taxa de câmbio controlada e relativamente desvalorizada. Dessa forma, alcança os resultados incríveis que vem alcançando - provavelmente a taxa de crescimento mais acelerada de todos os tempos em um período de 25 anos. Existe um provérbio anglo-americano de grande sabedoria que diz: "The proof of the pudding is in the eating" (a prova de que um doce é bom se faz comendo-o). É um provérbio sábio porque pragmático e empírico, na boa tradição anglo-americana. Em vez de fazer críticas à política econômica da China, os economistas deviam olhar para os resultados alcançados pela política.

Ocorre, entretanto, que esses resultados não interessam aos países ricos. A China, como qualquer país de desenvolvimento médio, é um país que se caracteriza por enorme excedente de mão-de-obra e baixos salários. Sua estratégia de desenvolvimento, como a dos demais países asiáticos desde a experiência inicial bem-

sucedida do Japão, é a de combinar essa mão-de-obra barata com tecnologia absorvida do exterior para crescer exportando competitivamente. Sabe, porém, que essa competitividade depende da taxa de câmbio. Se essa se valoriza, seja pelos superávits em conta corrente, seja pela entrada de capitais (que logo se sentem atraídos pelo crescimento do país), a competitividade desaparece e o desenvolvimento se estanca. Ora, esse tipo de estratégia é ameaçador para os países ricos, que reagem com todas as armas, principalmente com seu "soft power", com sua arma ideológica representada pela ortodoxia econômica.

Os países em desenvolvimento, gritam os economistas e políticos dos países ricos, devem crescer com poupança externa! Os Estados Unidos cresceram assim na segunda metade do século 19, outros o fizeram antes ou depois. O que é em parte verdade. Alguns países, em momentos especiais, quando estavam crescendo de forma acelerada e a taxa esperada de lucro era altíssima, puderam crescer somando à sua poupança interna poupança externa, sem que isso provocasse apreciação do câmbio, aumento das importações e do consumo.

Mas, nas situações normais, em que não há oportunidades extraordinárias de crescimento, os países sempre cresceram com seus próprios recursos, o capital sempre se fez em casa. Por três razões: porque crescer endividando-se é perigoso, sujeitando o país a crises por choques externos; porque, mesmo que o nível do endividamento seja rapidamente contido, a quantidade já existente retira do país autonomia de política econômica; e, terceiro, porque a entrada de capitais implica uma apreciação do câmbio, que só não acontece se as oportunidades de investimento lucrativo forem tão grandes que o aumento de salários se dirija para o investimento, e não para o consumo.

Os países ricos há muito neutralizam a capacidade competitiva dos países de desenvolvimento médio com o conselho/pressão de que cresçam com poupança externa. A América Latina tem sido sua vítima preferida, mas não única. Não creio, entretanto, que a China, que aprendeu bem o quanto custa a dominação estrangeira, venha a se submeter. A mudança de base de referência do yuan corresponde aos interesses chineses, que têm déficit com seus vizinhos. É apenas boa política econômica.